

A GUERRA ATRAVESSOU O MAR: MEMÓRIAS DE ITAJAÍ NOS TEMPOS DA 2ª GUERRA

José Bento Rosa da Silva¹

RESUMO

O artigo investiga a cidade portuária de Itajaí na época da segunda grande guerra mundial. Através de fontes é possível observar as apreensões dos seus habitantes: a guerra poderia chegar pelo mar. Desta forma, vivia-se uma ambigüidade em relação ao porto; o mesmo que fora a porta de entrada para os imigrantes e seus descendentes no século XIX, poderia ser agora a porta de entrada para a guerra, que também viria da Europa.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra. Cidade e Medo.

1. MEMÓRIA E HISTÓRIA: À GUIA DE INTRODUÇÃO

Na década de quarenta do século XX, mais precisamente no ano de 1948, nos EUA foi fundada, na Universidade de Colúmbia, o Centro de História Oral. Visava preservar a memória de pessoas que tiveram atuação significativa no cenário americano nos vários campos de atuação.

Posteriormente, no final dos anos sessenta, após os conturbados acontecimentos tais como Maio de 1968 na França, descolonização no continente africano, luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos, guerrilhas na América Latina, movimento feminista, dentre outros, surgiu por parte de alguns cientistas sociais a necessidade de registrar tais fatos, não só no sentido de registro, mas também como possibilidade de intervir no movimento da história, ou seja, uma forma de “dar voz aos excluídos”, construindo outras versões para os acontecimentos além do discurso oficial.

¹ Graduado em História (FEPEVI), Mestrado em História do Brasil (PUC-SP) e Doutorado em História do Brasil (UFPE-PE). Professor de História nos Cursos de História e Filosofia da FEBE e da UNIVALI. E-mail: negrobento@bol.com.br

Na perspectiva de uma história militante, destaca-se Paul Thompson, da Universidade de Essex, na Grã-Bretanha, com a obra que já se tornou um clássico na historiografia: “A Voz do Passado”.

Thompson mostrou a importância da memória dos sujeitos anônimos e a necessidade de intervenção do cientista social na sociedade; além de interpretá-la, recuperou o que disse Marx em relação aos filósofos de sua época: “até agora os filósofos interpretaram o mundo de diferentes formas, é preciso transformá-lo”.

O texto que se segue busca dar voz a segmentos da população da Foz do Rio Itajaí-Açu que tiveram seu cotidiano alterado nos anos da Segunda Grande Guerra, mas que, no entanto, a historiografia regional pouca atenção deu a estes personagens que foram testemunhas oculares da história da Segunda Guerra Mundial no sul dos trópicos.

O porto de Itajaí, localizado na Foz do Itajaí, que havia sido a porta de entrada para os colonizadores do Vale do Itajaí no século XIX, constituía, nos anos de guerra, uma possibilidade de ameaça, uma vez que os inimigos poderiam adentrar o território nacional através dele. Neste sentido, em tudo a população tinha o dever de estar sempre alerta, ou seja, a segurança da pátria estaria em suas mãos.

2. A GUERRA ATRAVESSOU O MAR: Memórias de Itajaí Nos Tempos da 2ª. Guerra

No ano de 1995, quando do cinquentenário do final da segunda grande guerra mundial, motivados pelo noticiário, depoimentos de ex-combatentes, publicações ...² e pela mídia em geral, nos vimos envolvidos com a temática. Até porque, filho de um ex-combatente, desde a infância ouvíamos as histórias da campanha da Itália e o significado daquele broche, onde aparecia uma cobra fumando e a expressão dita entre risos pelo meu pai: “Eh! A cobra vai fumar!”³

² Os jornais dedicaram páginas inteiras ou cadernos especiais à data. Citamos entre eles: ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 7 maio 1995. Caderno 2. Especial de domingo. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 8 maio 1995. Diário especial. FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 8 maio 1995. Caderno especial. CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCAIL DO EXÉRCITO. *Verde oliva* - Exército Brasileiro: edição histórica, 1995, Brasília.

Dentre as obras produzidas citamos:

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

BENALUME NETO, Ricardo. *A nossa segunda guerra - os brasileiros em combate, 1942-1945*. Rio de janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

³ O símbolo da cobra fumando, que caracterizou a Força Expedicionária Brasileira, foi desenhado originalmente por Walt Disney, quando visitou o Brasil na década de quarenta.

Outro fator que nos levou a pensar a temática da segunda guerra, foram algumas conversas realizadas com ex-expedicionários e mesmo com pessoas que viveram a guerra aqui em Itajaí: Numa conversa informal, na sede da Associação dos Ex-Combatentes de Itajaí, no ano de 1995, ouvimos - “A gente luta com muitas dificuldades para que a Associação se mantenha, depois de cinquenta anos que estivemos nos teatros de operações da Itália, onde vimos a cobra fumar”.⁴

Passados dois anos, ao pesquisar sobre a história dos estivadores de Itajaí, encontramos nos depoimentos, o impacto da segunda grande guerra em Itajaí, principalmente devido ao Porto, qual seja, uma das possibilidades da entrada da guerra no Território Nacional. Desta forma, o Porto de Itajaí, conhecido como a Porta do Vale, poderia ser também a porta de entrada da guerra...

Nosso objetivo, portanto, é investigar a representação de um segmento da população itajaiense, diante da guerra, qual seja, os trabalhadores do Porto e seus familiares. Através da leitura dos depoimentos orais, revisitaremos o imaginário social deste segmento, nos anos da guerra, bem como os acontecimentos provocados por ela e pela imagem que dela se tinha em Itajaí.

Os trabalhadores do Porto, por exemplo, tiveram dobrada a jornada de trabalho, em nome do interesse nacional, já que, além do trabalho diurno tiveram que prestar guarda à noite no litoral, conforme lembraram:

“(...) Na época da guerra tinha problema. Tinha que trabalhá no escuro.

“Eu fui um dos listados para fazê vigia. Ficamô um ano fazendo vigia na praia de noite e de dia. Toda noite ia dez pra um lugar, dez prô Farol, dez pra praia do Gravatá...

“Não tinha polícia, não tinha exército, o capitão do Porto botava nós. Tinha cento e trinta estivador naquele tempo. E aí então todo mundo fazia, tomava conta das praias. Ia trinta por vez. Ia dez pra Cabeçudas, dez prô Farol, dez aqui para Barra de Itajaí, lado de cá. Sabe como é?

“Ali nós via um foguinho qualquer lá na casa de um... às vezes tinha colono trabalhando, morador fazendo um foguinho, a gente mandava pará que é prô inimigo não chegá pelo Farol e sabê onde tinha gente, onde tinha terra, qualquer coisa.

Para os expedicionários a frase “A cobra vai fumar”, significava uma missão difícil, árdua, quase impossível...

⁴ Conversa informal com Tenente Azeredo, presidente da Associação dos Veteranos da FEB da Foz do Itajaí, em 1995.

“Tudo no escuro, de noite não se fazia fogo de qualidade nenhuma. Nada. Nada. Nem em casa rica e nem em casa pobre. Ali nós fazíamos vigia a noite toda, quando era de manhã nós corria pra Estiva pra pegá o ponto. Trabalhava o dia todinho. Não ganhava nada, nem um cruzeiro pela vigia”.⁵

Na indústria também notou-se este “esforço nacional” nos anos de guerra. A ordem era produzir, não importando a que custo, era a Lei do Esforço de Guerra, conforme lembrou Hélio da Costa, ao investigar a situação dos trabalhadores e suas organizações na cidade de São Paulo no pós-guerra.⁶

Do depoimento do senhor Juvenal depreende o “grande medo” que rondava as cabeças dos órgãos de segurança, apesar do seu contingente limitado, ou talvez, justamente por ser limitado.

Perguntamos se o trabalhador recusasse tal “esforço de guerra”, ele nos respondeu dizendo que ficava suspenso do trabalho. Havia, portanto, um órgão superior que controlava os trabalhadores portuários e suas organizações. Este órgão era a Capitania dos Portos: “(...) Quem mandava era o capitão dos Portos, o presidente do sindicato era obrigado a corrigir e a gente ir”.⁷

Este medo da guerra contagiava a população de modo geral, a ponto de fazer com que até os registros de nascimento ou outro documento ficasse para segundo plano, como lembrou o senhor Pedro Paulo da Silva, filho de estivador:

“(...) Meu nascimento pelos documentos é de 1º de março de 1942, mas o certo seria nove de agosto de 1941. Isso porque na época nós morávamos no sítio e houve a guerra; inclusive o meu pai tinha sido convocado pra guerra, mas depois não foi. Era pra prestar guarda aqui na costa, temendo que os alemães invadissem (risada). E como passou os dias legais pra registrar, com medo da multa e pelas dificuldades financeiras também. A gente era do sítio... Então quando ele foi em registrar era o ano seguinte”.⁸

Aquilo que era medo para o pai, se tornou objeto de riso para o filho, a vítima do medo. Isso nos remete a uma obra de Bertolt Brecht, que fala do

⁵ Entrevista com Juvenal Pedro Constâncio Mafra, estivador, 92 anos, em 25 fev. 1995.

⁶ COSTA, Hélio da,. *Em busca da memória*: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra. São Paulo: Página Aberta, 1995.

⁷ Entrevista com Juvenal Pedro Constâncio Mafra, estivador, 92 anos em 25 fev. 1995.

⁸ Entrevista com Pedro Paulo da Silva, 55 anos, bacharel em Direito (comerciante) em 11 abr. 1997.

desvendamento do medo medieval em relação ao mar, das novas descobertas: “(...) em nosso velho continente nascia um boato: existem continentes novos. E agora que os nossos barcos navegam até lá, a risada é geral nos continentes...”⁹

Mas na época não era nada engraçado a possível chegada dos alemães em Itajaí, ou em qualquer parte da região sul do Brasil, sobretudo porque nesta região a presença de imigrantes de origem alemã e italiana era significativa. E estes, se tornaram vítimas das perseguições de autoridades e da população em geral, como apontam os depoimentos:

“(...) Na época da guerra nós fazíamos aqueles grupos, sem arma, sem nada, para fazer a vigilância, olhando ver a situação na costa.

“Quando terminou a guerra, tinha um alemão aqui, lá onde é a Casa Malburg, a que foi recuperada agora. Ali tinha um alemão que tinha um restaurante, ele tinha um bigode... Mas o alemão era fanático demais! Todo mundo manjava ele. Aí, quando acabou a guerra, raspam o bigode dele, fizeram um porção de bobagem com ele.

“Tinha uma outra casa aqui na Rua Sete, hoje acho que é a Rua João Pessoa; ali outro alemão que apedrejaram tudo. Nós intervimos pra não deixar. Acabamos com aquilo. Não deixamos mais apedrejar; nós mesmo acabamos com aquilo. A polícia aqui tinha três, quatro naquela época. Nós que controlávamos a cidade”.¹⁰

“(...) Eu lecionava na Limeira, acompanhei tudo. Na escola, a gente recebia uma revista, que o Ministério da Guerra mandava. Chamava “Em Guarda”. Trazia toda a reportagem da guerra.

“Lá na Limeira, um pouco acima, no Ribeirão do Ouro, tinha o Carlos Buss, não falava português, só alemão. Ele dizia que não ia falar brasileiro, só alemão. Mas parece que depois cedeu.

“As luzes nesta época, ao menos no interior, tinha que ser apagadas à noite. Eles pensavam que era sinalização. Lá na Limeira nós tínhamos muito cuidado com isso: ‘- Cuidado com as luzes acesas aí fora! Olha os alemães!’ (imita em voz mais baixa).

“Coitado de quem era alemão! Sofreram! Instabilidade...”¹¹

⁹ BRECHT, Bertolt. *A vida de galileu*. São Paulo: Abril, 1977. P. 146.

¹⁰ Entrevista com Nilo Reig de Souza, “Caleça”, 73 anos, ex-presidente do Sindicato dos Arrumadores (Terrestre) de Itajaí, em 3 maio 1997.

¹¹ Entrevista com Vilna Corrêa Pretti, 82 anos, professora aposentada, filha do estivador Joaquim Lopes Corrêa, em 7 mar. 1997.

Parece-nos que havia uma fiscalização maior na Foz do Rio Itajaí, justamente devido ao Porto, como disse dona Vilna, que mesmo morando no interior de Brusque (20 km de Itajaí), recebia as visitas do pai, que estava preocupado com a filha, que era casada com um descendente de imigrante italiano e era, segundo ela, integralista: “Meu marido era camisa-verde (risada). Nós sofremos!” E continuou dizendo do perigo que representava o Porto:

“(…) A escola era muito no interior. Eles quase não se comunicavam com a gente. Estavam muito preocupados era com aqui, por causa do Porto.

“Meu pai dizia assim ‘ - Itajaí é o primeiro por causa do Porto’.

“Eu me lembro que uma vez meu pai falou assim ‘ - Lá em Itajaí tem algum espião, porque eles pegaram no radioamador uma mensagem que saía de Itajaí’.

“E foi no tempo em que os navios foram torpedeados. Eu até tinha uma prima que o marido dela desapareceu nesta época”.¹²

Aquilo que para alguns foram apenas boatos, para outros foi o perigo real que rondava, por isso era preciso fazer alguma coisa, até para salvar a integridade dos parentes que se recusavam a fazê-lo:

“(…) Aquilo era um tipo de um blackout... uma ordem que vinha da marinha, vinha do Exército. Vinha uma ordem pra fazer certa vigília... e anunciavam qualquer coisa, um submarino, qualquer coisa assim. Então fazia aquela vigília. Naquela época era dez dias, quinze dias de vigília. Então nós fazíamos aquela vigia... Até eu fazia a do meu pai e a do pai dela, (apontando para a esposa ao lado) porque eles eram duros... e então eu fazia, fazia a minha vigia e a deles, quando eles eram convocados. Porque era convocados por número, né! O número da chamada. Começava de 01 à cento e trinta e pouco. Quando chegava na vez deles, eu é que ia...

“À noite fazia vigia, de dia não tinha vigília. A Capitania dos Portos corria de Jipe pelas praias, pelos molhes, corria de dia aí pelo litoral, por aqui... E depois tinha o exército que tava aqui acantonado aqui em Cabeçudas. Era artilharia montada que veio pra aqui. Foi uma companhia de artilharia montada do... 3º RAM, veio aqui pra Cabeçudas. E o exército, o 13º de Joinville foi pra praia de Armação, pra cá onde é o Beto Carrero. Além deles a gente ainda fazia a vigília.

“Além de ser portuário, a gente fez essa vigia, mas nunca aconteceu nada. Falavam: ‘Ah! Apareceu um... mergulhador aí!’ Mas tudo conversa, gente que queria perturbar a ordem, né! Fazia só pra perturbar a ordem. Nunca existiu nada aqui. Nada. No Porto de Itajaí nunca ninguém viu nada. A única coisa que se escutou aí, de madrugada, uma vez, de madrugada todos escutaram - eu por exemplo, não escutei, mas muita gente escutou - dois tiros aqui fora. Era um... um navio inglês, Nelson. Ele perseguia o Graalstein, esse que foi queimado aqui na Argentina. Perseguido, ele atirou aqui nas águas brasileiras. Deu dois tiros nele, mas... longe né! Muito longe! Muita velocidade! Não acertou. A gente acha que não acertou né!

“E o navio, sem seguir entrada nenhuma foi pra Argentina. A Argentina era neutra, aceitou ele.

“Era o Graalstein. Era alemão. E o inglês era o Nelson, Cruzador Nelson... vinha atrás dele, passaram aqui de madrugada. Alguém diz que sentiu dois tiros aí. Eu, eu não senti nada! Eu já era homem, já tava na Estiva. Eu não senti nada, mas muita gente diz que sentiu, que escutou. Quer dizer que era muito longe, mas diz que escutou o estampido das peças. Mas nada de anormal. Nada, nada!”¹³

É possível captar do depoimento do senhor Jorge Ludovino, um clima tenso na população local, por ocasião da guerra. Um “diz-que-diz”, comentários, afirmações... enfim, a guerra havia atravessado o mar, estava aqui, próxima a Itajaí...

O próprio Ludovino contou-nos a reação daqueles estivadores ligados ao partido comunista, diante da presença de navios de países que se identificavam com os ideais nazi-fascistas:

“(...) Teve problema aí, nesse Brasil afora, com um navio espanhol. Um navio espanhol chamado... ele veio pegar fumo aqui em Itajaí e teve um problema aí. A turma de comunista não passaram ele. Chamavam pra trabalhar nele, a tonelagem era boa, fumo dá uma boa tonelagem... mas os comunistas não trabalharam nele, em protestos. Não trabalharam nele por ele ser fascista... Éh! Os comunistas, os nossos velhos comunistas! Não trabalharam nele em protesto. Não trabalharam! E por aí afora tudo! No Rio de Janeiro, Santos... também protestaram muito”.

¹² Entrevista com Vilna Corrêa Pretti, 82 anos, professora aposentada, filha do estivador Joaquim Lopes Corrêa, em 7 mar. 1997.

¹³ Entrevista com Jorge Ludovino D’Avila, 76 anos, ex-estivador, em 26 nov. 1996, 3 dez. 1996 e 6 dez. 1996.

O senhor Ludovino não se disse comunista e tampouco que foi um dos que se negaram a trabalhar no referido navio, mas a expressão “nossos velhos comunistas” sugere uma certa admiração pela postura daqueles trabalhadores. E mais, insistira em dizer que o trabalho era rendoso, mas que se recusavam: “a tonelagem era boa, fumo dá uma boa tonelagem”.

A senhora Vilna Corrêa, reconstruiu a angústia dos pais ao ver um filho seguir para uma guerra que parecia tão longe, mas que seu perigo estava aqui bem próximo, já havia atravessado o mar:

“(…) Agora o grande baque do meu pai foi quando o meu irmão foi pra guerra, o José Lopes Corrêa. A guerra sempre causou medo. Ainda causa. E por quanto tempo causará?

“Meu irmão estava na tomada do Monte Castelo. Ele recebeu um ferimento na vista. Ele ficou até o final da guerra.

“Eu me lembro que minha mãe contava do dia em que o Batalhão passou, ali na Rua Silva, defronte a nossa casa. A banda tocando e eles marchando pra eles embarcarem...

“São coisas assim que marcaram muito. Eu não presenciava porque estava lá no sítio, na Limeira. Estava lá no perigo, porque era casada com descendente de italiano (risada)”.¹⁴

O caráter mundial da guerra de 1939-1945 ficou expressos nas palavras acima, ou seja, marcou mesmo aqueles que não foram ao *front*, atingiu os territórios de além-mar, os mais diversos cantões.

A memória da guerra não é monopólio apenas dos que lá estiveram, este foi o objetivo da nossa investigação traduzida nestas linhas...

¹⁴ Entrevista com Vilna Corrêa Pretti, 82 anos, professora aposentada, filha do estivador Joaquim Lopes Corrêa, em 7 mar. 1997.